

LITERATURA DE TERROR/HORROR: CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR

Aline Leitão Cavalcanti Teixeira (1);
Maria Amanda Ramos Barreto (2); Luciane Alves Santos (3)

(1) Graduada em Letras - Português/ Inglês e suas literaturas pela Universidade de Pernambuco (UPE). Pesquisadora/Bolsista IC. E-mail: lyne521@hotmail.com; 2) Graduada em Letras - Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pesquisadora PIBIC. E-mail: m.amandabarreto@gmail.com; 3) Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. Professora efetiva na Universidade Federal da Paraíba, Campus IV, vinculada ao programa de Mestrado Profissional em Letras/ CAPES e ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL). E-mail: luciane.ufpb@gmail.com)

Resumo: O presente artigo propõe expor as contribuições que a literatura de terror/horror pode oferecer para os leitores em formação, sobretudo aqueles que estão descobrindo o mundo literário, como os alunos do ensino básico, entre o Fundamental II e o Médio. Tendo em vista a visível dificuldade de tornar a leitura atrativa para esse público, é importante o estudo de temas e modos literários que permitam maior recepção por parte desse público jovem. Usaremos como aporte teórico para a construção desse trabalho, autores como: Cosson (2006), Gens (2012), Paes (1990), e outros. Com o intuito de discutir algumas obras de vertentes do terror/horror para jovens, o trabalho dará ênfase ao autor R.L.Stine, que produziu diversas obras literárias e de artes visuais – bem como séries televisivas e filmes. Para este trabalho foram escolhidos: *Um dia no parque de terror*, pertencente à série *Goosebumps* e o filme *Goosebumps: Monstros e arrepios* - ambas produzidas e dirigida por Stine. Este estudo abre possibilidades de como a literatura pode ser trabalhada em sala de aula, uma vez que se trata de um elemento primordial para educação e formação do indivíduo.

Palavras-chave: Ensino, Literatura, Horror, R.L.Stine.

1. INTRODUÇÃO

O texto literário é indiscutivelmente um recurso fundamental na formação da educação de um indivíduo, pois além de ser um instrumento de comunicação e expressão é também humanizador. Para que seja utilizado corretamente em sala de aula, é preciso reconhecer nos textos as suas diversas formas, múltiplos sentidos e particularidades. É nessa perspectiva que proporemos, no presente trabalho, a seleção da literatura de horror/terror, por educadores, para leitura em sala de aula, uma vez que o ensino de literatura é um desafio para o docente. Assim, o foco desta pesquisa está situado no ensino da leitura, visando o letramento literário dos jovens leitores.

Temos como objetivo mostrar uma das possibilidades de utilizar a leitura no ambiente escolar com alunos do Ensino Básico, sabendo que esta prática, quando bem elaborada, pode render bons resultados, como a busca independente de novas leituras. Dessa forma, trataremos



especificamente do uso da literatura de horror e terror, através das obras de R.L. Stine, visto que o estilo do autor se adequa à faixa etária de alunos do eixo educacional proposto, entre o Ensino Fundamental II e o Médio.

As questões que norteiam esta pesquisa são: Por que os jovens leem mais fora dos muros da escola? Como tornar a aula de literatura e leitura mais atrativa? Qual o perfil da Literatura Fantástica e suas vertentes terror/horror? Por que podemos atrair esse público com essa literatura? A partir desses questionamentos, nosso estudo focará o letramento literário de estudantes do Ensino Básico, através da utilização da literatura de horror contemporânea, como uma possibilidade de emancipação crítica de leitores em formação. A partir disso, levamos em consideração as temáticas existentes nas leituras destes textos, e também consideraremos outras linguagens, como, por exemplo, as adaptações para o cinema.

Como forma de visualizar e analisar a vertente literária selecionada para o eixo juvenil, foram escolhidas duas criações que conquistaram em grande dimensão o carisma do público: *Um dia no parque de terror*, pertencente à série *Goosebumps* e o filme *Goosebumps: Monstros e arrepios*, ambas produzidas e dirigida por Stine.

2. O que pensam os jovens a respeito da leitura proposta na escola?

Muitas vezes, os professores se questionam por que os seus alunos não gostam de literatura, por que não apresentam o desenvolvimento esperado e principalmente por qual motivo eles leem fora dos muros da escola, escanteando as indicações escolares. Então surge a dúvida: qual é o problema? A maneira como a literatura está sendo transmitida seria uma possível resposta.

A literatura na escola é quase sempre apresentada de forma desestimulante aos alunos. Ela é mostrada como um leque repleto de dados sobre autores e contextos históricos. Sobre esse método de ensino, Rildo Cosson (2006, p.21) comenta:

No ensino médio, o ensino da literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados biográficos dos autores, acompanhada de rasgos teóricos sobre gêneros, formas físicas e alguma coisa de retórica em uma perspectiva para lá de tradicional. [...]

Pois é, “para lá de tradicional” e, além disso, quando os textos literários aparecem, são fragmentos, servindo apenas para comprovar as características da escola literária que está sendo



estudada, ou apenas o texto como pretexto para o ensino de análise linguística. O estudo é preso apenas ao livro didático, tornando as aulas cansativas, o que não inspira nem mesmo os próprios professores.

Com esses modos de apresentar a literatura aos alunos, fica difícil conquistá-los uma vez que se vive, atualmente, em uma era tecnológica, com diversos meios de entretenimento, que consomem muito o tempo das pessoas, principalmente dos adolescentes, conectados às redes sociais e a games supermodernos. Assim, a leitura fica bem atrás nessa disputa. Para o público juvenil, a leitura em sua forma literária já não é tão interessante e sendo imposta com esses métodos tradicionalistas tornam o processo de letramento literário ainda mais difícil.

Ainda impera nos programas escolares a indicação de obras canônicas e muitas vezes, são recusadas pelos iniciantes por ser para eles pouco atraente, frente ao vocabulário rebuscado e até mesmo pela temática retratada em uma época muito distante da deles. Cosson (2006, p. 32) afirma que até pouco tempo atrás o professor era preso apenas ao cânone e

[...] se havia questões a resolver com a adequação das escolhas, elas desapareciam diante da força da tradição. Mesmo não gostando ou achando inadequado, o professor, se perguntando, respondia sempre com a mesma frase: “quem sou eu para questionar Machado de Assis”, ou outro autor consagrado [...]. Esse mantra deixa de funcionar quando o cânone passa a ser intensamente questionado nas universidades, de início pela crítica feminista e depois por outras correntes teórico-críticas que colocam sob suspeita a representatividade das obras selecionadas, denunciando preconceitos de gênero, classe e etnia, entre outros aspectos, na formação do cânone.

Então há, sim, uma barreira, um tradicionalismo exacerbado na seleção das obras e como elas são trabalhadas, que se discute há um bom tempo. Diante de todos os problemas encontrados na escola para desenvolver a leitura literária dos alunos, tentamos responder à questões como: por que não começar por algo que eles se identifiquem, que chame mais a atenção? É fato que existe uma essencialidade nos clássicos que trazem grandes ensinamentos que transcendem ao longo tempo, porém, os jovens inicialmente em sua grande maioria resistem a esses livros.

E já que esses leitores procuram livros best-seller e assistem a séries de entretenimento, uma vez que apresentam facilidade de leitura e temas que circundem os seus horizontes, é vantajoso unir ambos os ingredientes, fazendo isso com ajuda de profissionais para a seleção de obras que também venham fornecer o conhecimento da construção literária. “Essa proximidade também ajuda a





quebrar a resistência dos alunos, sobretudo dos mais jovens, mais interessados em outras formas de comunicação ou entretenimento.” (COSSON, 2006, p. 33).

É a partir dessa visão que propomos uma leitura de livros que eles já conhecem ou têm vontade de conhecer, de gêneros que os interessem, como, por exemplo, os da Literatura Fantástica, em sua variedade temática. Propomos aqui livros voltados para o terror/horror dos dias atuais, uma vez que trazem emoção, suspense e temas como escola, namoro, família, e os medos que acendem na fase da adolescência, personificados de maneira insólita.

O poeta e crítico José Paulo Paes também acredita que uma nova escolha para esse público seja um “degrau” para se alcançar a “grande criticidade” imposta pelos críticos que almejam o cânone:

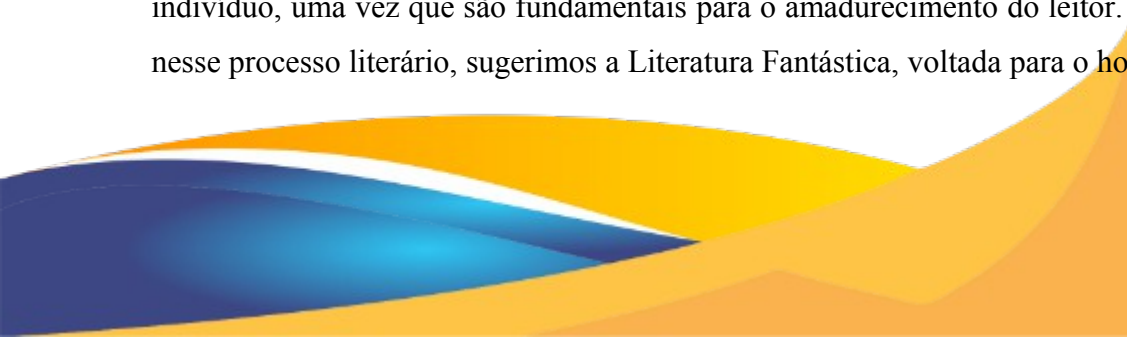
Estimuladora do gosto e do hábito da leitura [a literatura ‘média’ de entretenimento] adquire o sentido de degrau de acesso a um patamar mais alto [o da literatura de proposta] onde o entretenimento não se esgota em si mas traz consigo um alargamento da percepção e um aprofundamento da compreensão das coisas do mundo. (PAES, 1990, p. 27-28)

É papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para o desconhecido e dessa forma o familiarizar com outros estilos de leitura gradativamente. O docente deve usar as experiências adquiridas pelos alunos e leva-las para sala de aula, comparando-as, por exemplo, com as demais obras clássicas, compartilhando conhecimentos, pois toda leitura é proveitosa.

Não é que se queira abandonar o cânone. Mas a escola precisa manter um equilíbrio entre essas seleções. Ou seja, não se pode construir um leitor literário entregando-se apenas aos livros tradicionais dos programas de ensino, primeiro porque muitos dos jovens vão recusá-los e, depois, quando o aceitam, ficam presos apenas a um “mesmo prato”, em apenas uma visão de representar o mundo, sem aceitar diferentes modos de ver as coisas, tendo por vezes a criatividade vetada. Por outro lado, também não se pode fazer essa formação literária apenas com o entretenimento. Cosson (2006, pág.34) diz que o cânone

[...] traz preconceitos sim, mas também guarda parte de nossa identidade cultural e não há maneira de se atingir a maturidade de leitor sem dialogar com essa herança, seja para recusá-la, seja para reformá-la, seja para ampliá-la. Até porque (...) haverá sempre um processo de canonização em curso quando se seleciona textos.

Percebemos, então, a importância dos ensinamentos dos clássicos para a formação do indivíduo, uma vez que são fundamentais para o amadurecimento do leitor. Como primeiros passos nesse processo literário, sugerimos a Literatura Fantástica, voltada para o horror e terror juvenil.



3. Contextualização do horror/terror na literatura

Segundo França (2008), a “Literatura de Horror” é a nomeação mais comum atribuída aos textos ficcionais que, de alguma forma estão relacionados ao sentimento de medo seja físico ou psicológico. O escritor Lovecraft (1924), conforme citado por Gens (2012, p.61), diz que “a atração pelo espectral e pelo macabro exige do leitor certa dose de imaginação e de desligamento da vida cotidiana”. O autor também menciona que nesses tipos de narrativa, o mais importante é o clima, a atmosfera de construção do texto, assim, busca suscitar no leitor uma apreensão, que o convida a passar para as outras páginas, para saber o desfecho de todo o desconhecido.

O horror, em sua origem, bebeu também dos contos de fadas e fantasmas, seres do folclore e as crenças em lobisomens, vampiros e etc. Os textos de terror são muito antigos, e segundo Gens (2012, p.61):

Três narrativas poderiam ser chamadas como matrizes do terror, já que inauguraram certa linhagem e influenciam o gênero até hoje. Todas surgiram no século XIX: *Frankenstein ou O moderno Prometeu* (1816), de Mary Shelley; *O médico e o monstro: o estranho caso do Dr. Jeckyll e Mr. Hyde* (1885), de Robert Louis Stevenson; e *Drácula* (1897) de Bram Stoker.

Vale ressaltar que todas essas obras deram origem a centenas de filmes, também a histórias em quadrinhos e desenhos de tv. É possível também encontrá-las em vários tipos de jogos e em games de computadores, etc. Esses tipos de história “exploram os limites do que as pessoas são capazes de fazer e as fronteiras que são capazes de experimentar” (Gens, 2012, p.62). Essas narrativas adentram os domínios do caos psicológico, sonhos, loucura, abismo e outros. Estão ligadas à morte, vida após a morte, destruição, seres sobrenaturais, sendo assim “para além do suspense e do susto, a literatura de mistério e terror leva crianças e adultos a pensar mais e mais sobre o desconhecido e sobre o destino humano” (Gens, 2012, p.63).

Para melhor compreender esses gêneros é necessário conhecer mais o contexto histórico no qual eles se construíram.

O século XVIII foi uma era de ideais racionalistas, da ciência e construções de novas tecnologias, como as máquinas a vapor, um período que marca o fim da transição entre feudalismo e capitalismo, em que a literatura gótica/terror não tinha vez, sendo considerada uma literatura para “parolos”, pois não tinha explicações lógicas e racionais. Contudo, ela veio para se opor a melancolia e a mesmice da época, externando o sentimento mais profundo do ser humano, o medo,

1 e 2 Disponível em: < http://tudodoslivros.blogspot.com.br/2011/03/goosebumps_13.html > Acesso em set. 2017.

3 Disponível em: < <http://www.prazeremchamalivro.com/2015/09/goosebumps-o-abominavel-homem-das-neves.html> > Acesso em set. 2017.

4 Disponível em: < <http://www.sacudindoaspalavras.com.br/2015/10/resenha-o-planeta-dos-gnomos-de-jardim.html> > Acesso em set. 2017.



vivos apenas no ambiente onírico. Desta forma, o terror/horror sofre preconceitos e intervenções desde sua origem.

O precursor deste estilo literário foi o autor italiano Horace Walpolle com a sua novela *O Castelo de Otranto* (1764), ambientado por uma suspensão fantasmagórica, em que as relações amorosas são cessadas por seres fantásticos/sobrenaturais, tendo a sua narrativa localizada em um grande castelo medieval, lugar este bastante recorrido em narrativas góticas. A partir dessa publicação muitas outras histórias, e principalmente romances, foram surgindo.

Além da influência pioneira de Horace Walpolle, houve também a participação para a disseminação dessas obras através de Matthew Gregry Lews (Inglaterra) e Ann Radcliffe (Inglaterra). Mais à frente, este trato literário foi se modificando, surgindo assim outras denominações como o terror/horror, e o próprio fantástico¹, tido como uma vertente maior, tendo como alguns escritores: Edgar Allan Poe, H.P. Lovecraft; E. T. A. Hoffmann.

Já na contemporaneidade os gêneros e modos literários se expandiram, não apenas em seus aspectos caracterizadores, mas em obras direcionadas para diversos os públicos. O terror/horror, o fantástico, suspense, hoje não servem apenas para dar medo, mas como forma de conhecimento, ou que seja limitado a alguns textos da literatura juvenil revelar as verdades que não são mostradas pela sociedade. Ao chegar ao público infantil e juvenil serve para despertar a curiosidade desses leitores, sabendo que existem temas que eles discutem entre os amigos, em que tais obras têm um misto de terror e humor, como forma de balancear ambas as sensações, fornecendo o prazer no ato da leitura.

4. Caminhos possíveis para a formação de leitores

Percebe-se que terror/horror, assim como os demais gêneros, podem ser trabalhados em sala de aula, através de diversas metodologias, uma delas seria a sequência didática básica e expandida fornecidas por Rildo Cosson, em seu livro *Letramento literário: teoria e prática* (2006).

Por meio de uma ordem que indica os passos a serem seguidos: motivação, apresentação, leitura e interpretação. Sabemos que livros, ou qualquer outro recurso de entretenimento, fornecem temáticas e meios estilísticos que o público deseja. Desta maneira, apresentar o gênero de horror/terror para os alunos de maneira dinâmica e descontraída, levando os elementos que o compõem, expor a diferença deste dos demais modos literários, que está, por exemplo, nos

¹ A diferença entre fantástico, horror, terror entre outras é controversa, suscita inúmeros debates teóricos, mas não é o objetivo deste trabalho se aprofundar nessas questões.





personagens, na ambientação e nos próprios espaços, que constroem tais narrativas, seriam maneiras de iniciar uma aula de leitura.

O primeiro passo, o da motivação, poderia ser feito através da figuração de imagem desses elementos, seja por fotos impressas entregues aos alunos, para que inicialmente possam construir suas próprias histórias, como um dominó de imagens, tecendo por fim uma leitura não verbal. Ou mesmo a exposição de slides, fornecendo a história desses personagens em livros e filmes, e os lugares onde eles foram desenvolvidos.

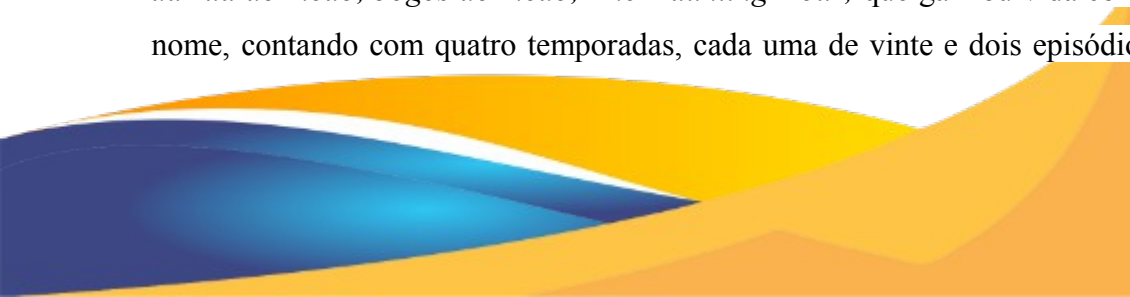
Para a apresentação do livro, o educador pode partir da explicação do gênero romance ou conto, a depender da obra escolhida, ou traçar os aspectos que compõem a obra: autor, capa, diagramação. Sendo esta parte apresentada brevemente, como uma introdução para o próximo passo.

A leitura é o terceiro momento e talvez o mais esperado pelos educadores. Ela pode ser feita em grupo, em voz alta pelo professor, individualmente, isto irá depender de como os alunos acharem melhor. As leituras podem ter pausas, para acrescentar outros materiais que forneçam a motivação para a continuidade desta atividade, como filmes, leituras rápidas de contos, crônicas, canções ou poemas. Ao levar em consideração que os livros de Stine têm suas adaptações em séries e em filmes, seria indicado a escolha de um filme ou mesmo um ou dois episódios da série referente ao livro trabalhado.

Seguindo para as interpretações, elas serão realizadas por meio do diálogo do professor junto com os seus alunos, mediadas por perguntas relacionadas à leitura feita, em relação à temática, aos personagens, o que eles gostaram, o que entenderam. Esta seria uma forma de compreender como se deu a recepção dos alunos, não exigindo uma historiografia do gênero, por este ser um momento para despertar o gosto pela leitura. Como forma de consolidação, pode-se fornecer sugestões de produções, seja através da escrita, de peças teatrais, na criação de um blog. Isto também irá depender do perfil da turma.

5. Goosebumps: livro e adaptação cinematográfica

Escrevendo para crianças e jovens R.L Stine é conhecido como Stephen King da literatura juvenil, é autor de centenas de romances de ficção de terror, como: a série de livros *Goosebumps*, publicadas entre os anos de 1992 e 1997, com uma sequência de sessenta e duas obras; *Fantasma da rua do medo*; *Jogos do medo*; *The Haunting Hour*, que ganhou vida com um seriado do mesmo nome, contando com quatro temporadas, cada uma de vinte e dois episódios; produções de filmes





como *Goosebumps: monstros e arrepios*; *O clube do medo*, que também foi transformada em uma série televisiva, exibida no Brasil através da Rede Record. Seus livros venderam mais de 400 milhões de cópias, o que o fez entrar para o Guinness World Records (livro dos recordes). Suas obras trazem temas como: escola, família, namoro, bullying, consumismo e outros. As histórias são desenvolvidas por meio de acontecimentos sobrenaturais, com toques de humor, o que deixa mais interessante para o seu público alvo.

Como destaque para esse estudo foi selecionada a obra *Um dia no parque de terror* (2009), o sexto livro da série *Goosebumps*, e o filme *Goosebumps: Monstros e arrepios* (2015).

O livro é narrado em primeira pessoa pela personagem Lizzy, uma jovem adolescente, que está em uma viagem de carro com seus pais, seu irmão mais novo, Beto, e um amigo do irmão, Nei; que passarão o final de semana no sítio de um amigo. Devido à falta de conexão dos pais, que estão sempre brigando, eles esquecem o mapa e acabam ficando perdidos. No meio do caminho, as crianças são surpreendidas com uma visão, “Abri a boca para gritar, mas não consegui emitir nenhum som. O monstro olhava fixamente através do teto solar. Era da altura de um prédio. Seus olhos vermelhos brilhavam de maldade e sua boca contorcia-se numa careta zangada” (p.13). Contudo, ao prestar atenção no que estava diante de si, “percebi que o monstro não estava vivo. Era um boneco mecânico que fazia parte de um painel publicitário gigantesco” (p.13), referente a um parque de diversão de terror. Desta maneira as crianças ficaram motivadas a conhecer o local de irem até lá.

Ao chegar no parque se deparam com a placa “Bem-vindos ao parque do terror, onde os pesadelos se tornam realidade!”. Os pais decidem ir à procura de um telefone, enquanto as crianças vão se divertir. Tudo é descrito como sendo muito aterrorizante, a começar pelos funcionários chamados de Horrores (mascarados); os brinquedos são sinistros; os animais ariscos; e os poucas crianças que são vistas estão sempre chorando. As atrações eram indicadas por letreiros: Bem-Vindos à aldeia dos lobisomens; Não alimentem os lobisomens, se conseguirem; Escorregador da maldição; Quer escorregar para sempre?; Espelhos, é possível que nunca mais ninguém o veja!; Celeiro dos morcegos; Viagem no caixão; Museu da guilhotina; Por favor, cuide da sua cabeça. Sendo nesses espaços desenvolvidos o terror, sem esquecer de momentos de humor.

A história vai sendo desenvolvida através das atrações oferecidas pelo parque, elas desempenham um loop dos elementos que estruturam uma narrativa, cada uma com: apresentação, complicação, clímax e desfecho. Sendo este um fator interessante para um público mais jovem, que





busca uma sucessão de ações com mais velocidade, o que torna uma leitura rápida e prazerosa, sem cair em momentos tediosos.

É uma leitura que fornece uma sensação de aproximação do leitor com a obra, e essa identificação é garantida, sobretudo, pela narração em primeira pessoa, a quantidade de diálogos existentes, além da minúcia de descrições, fornecendo ao longo da narrativa a personalidade de cada personagem, ao passo que sabemos como cada poderia agir em determinadas situações, assim desenvolvendo perfis de empatia. Além disso, os personagens principais são crianças, fator este importante para descrever os sentimentos e visões das pessoas que estão passando por essas fases.

O filme *Goosebumps: Monstros e arrepios* (2015) mostra a história de Zach, um adolescente que se muda de Nova York para uma cidade muito pequena sem gostar da ideia. Porém, ele percebe um ponto positivo na situação: conhece a bela garota Hannah, que mora ao lado da sua casa e vai estudar na mesma escola que ele, além dela, conhece um atrapalhado e engraçado amigo, Champ.

Zach descobre que o esquisito pai de Hannah é, na verdade, R.L. Stine, o autor da série de livros *Goosebumps*. À medida que Zach começa conhecer a estranha família da casa ao lado, ele descobre que Stine guarda um perigoso segredo: todas as criaturas tornadas famosas por suas histórias são reais, e Stine protege seus leitores mantendo-as trancadas em seus livros, ou seja, se os livros forem abertos, as criaturas saem para o mundo real. No decorrer o filme, acontece um incidente e o livro do boneco vivo Slappy (*O mistério do Boneco*) é aberto, ele sai e articula uma vingança contra seu criador, por deixá-lo preso no livro duramente muito tempo. Slappy liberta todos os outros personagens: o Lobisomem, Os Gnomos, O garoto invisível, O Abominável homem das neves e outros que, juntos, pretendem destruir R.L. Stine. A única solução é escrever uma nova história, na qual todos os personagens sejam presos de uma só vez. É uma corrida muito tensa, na tentativa de Stine se esconder de suas criaturas para conseguir escrever a nova história, ao mesmo tempo em que elas assustam e destroem toda a cidade com muita tensão e humor. As imagens abaixo correspondem a alguns dos livros que foram interpretados na produção visual:

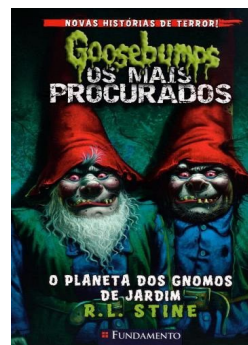
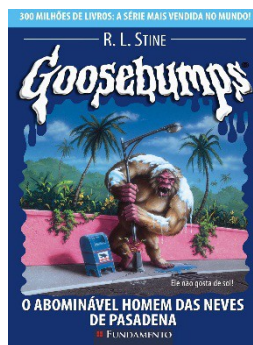
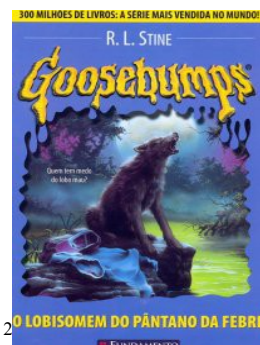
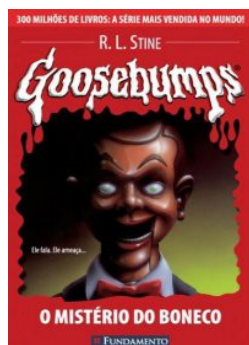
Figura 1

Figura 2

Figura 3

Figura 4





Alguns fatores são importantes de destacar, como a intertextualidade no filme como os livros de Stine e todos os seus personagens que podem ser abordados em sala de aula. Posteriormente, o fato do próprio Stine estar no filme como um personagem e ter escrito o roteiro. É interessante, também, numa fase de interpretação, observar a personagem Hannah, criada para fazer companhia para ele, á que o personagem padecia com a solidão e morava sozinho. Por esses motivos, Hannah foi idealizada pela imaginação do autor e, depois, fantasticamente ganhou vida, preenchendo completamente a vida do escritor.

Percebe-se aí um amor entre criador e criatura, tipo *Frankenstein*, numa perspectiva paterna; de início os outros personagens e até mesmo o telespectador acha que ela é real e que nem ela mesma sabe da verdade, porém no final a situação é percebida por Zach, vendo que ela fica transparente sob a luz da lua. A própria menina sabe do fato há muito tempo, mas preferia não comentar, pois também amava ao seu pai. Além disso, todo o filme é construído numa esfera de muito humor, numa mistura de risada e susto por quem assiste. Há cenas que se passam na escola, outras vezes num baile na escola, envolvendo romance entre Hannah e Zach, e, como ingrediente perfeito para o público juvenil, todos torcem para que eles fiquem juntos.

O desfecho se dá quando todos os monstros são presos, Hannah retorna para o mundo real (pois foi presa junto com os outros monstros), o casal fica junto e tudo está aparentemente bem, até que Stine percebe que sua máquina de escrever especial, que dá vida aos livros, está datilografando sozinha, ele observa e vê na folha: “A vingança do menino invisível”. Ou seja, um monstro não foi preso, a alegria durou pouco, e assim termina o filme, deixando claro que haverá uma continuação para agora prender essa criatura, e de fato, outro filme já foi confirmado para 2018, deixando assim, os fãs numa grande expectativa para saber o que vai acontecer.

2

1 e 2 Disponível em: < http://tudodoslivros.blogspot.com.br/2011/03/goosebumps_13.html > Acesso em set. 2017.

3 Disponível em: < <http://www.prazermechamolivro.com/2015/09/goosebumps-o-abominavel-homem-das-neves.html> > Acesso em set. 2017.

4 Disponível em: < <http://www.sacudindoaspalavras.com.br/2015/10/resenha-o-planeta-dos-gnomos-de-jardim.html> > Acesso em set. 2017.

Considerações Finais

Procuramos, apresentar neste trabalho, alguns modos de ensinar a Literatura para o público juvenil. O seu poder pode desenvolver a reflexão crítica, o autoconhecimento e a liberdade, desse modo ela é tão importante à formação dos jovens. Ela é um direito de todos, assim como o conhecimento acerca dos gêneros e modos literários. Algumas obras não são levadas para o ambiente educacional, por diversos motivos, seja por não fazer parte do cânone, seja por não estar nos moldes realistas necessários. Isso mina a possibilidade dos diversos mundos oferecidos por cada modo literário, a exemplo do terror/horror, que desenvolvido em sala de aula de maneiras funcionais com os alunos, surtiriam grandes efeitos. Desta maneira, sugerimos aqui, o uso desse tipo de literatura, tomando como exemplo as obras de R.L.Stine, que foram impressas em mais de quatrocentos milhões de exemplares e traduzidas para trinta e cinco idiomas. Ressaltamos que é apenas uma sugestão de leitura, que agrada o público leitor pelo seu toque de humor e situações do mundo jovem que são muito bem construídas.

Também tratamos aqui sobre as definições do terror/horror e suas origens, fazendo um balanço histórico desses gêneros. Percebemos nesse caminho que há muitas críticas e preconceitos acerca de tal literatura e que, neste artigo, visou-se esclarecer que ela pode ser incluída também na sala de aula como um degrau iniciante e estimulador para a leitura. Sendo assim, com este trabalho, procuramos contribuir, de alguma forma (mesmo que singular e implicitamente), para que se mude o olhar negativo sobre o gênero horror e que se mude também as formas de ensino de literatura no Ensino Fundamental e Médio, criando possibilidades de novas escolhas, pois é preciso aceitar também que “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades” (Camões, L. V. de. 200 Sonetos. Porto Alegre: L&PM. 1998.).

Referências

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

GENS, Rosa. **Mistérios e Terror. In: Literatura infantil em gêneros**. São Paulo: Editora Mundo, 2012. P. 57-65.

PAES, José Paulo. **A aventura literária: ensaio sobre ficção e ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.



FRANÇA, Júlio. **O horror na ficção literária: Reflexão sobre o “horível” como uma categoria estética.** In: Congresso Internacional Da Abralic, 11., 2008, São Paulo: Universidade de São Paulo, USP, 2008.

STINE, R.L. **Goosebumps: Um dia no parque de terror.** Curitiba: Fundamento, 2009, v.6.

